

# Às Avezas: outros percursos para se pensar/discutir as inter-relações entre matemática e literatura

## Topsy-Turvy: other routes to think/discuss the interrelations between mathematics and literature

DOI: [10.37001/ripem.v10i2.2170](https://doi.org/10.37001/ripem.v10i2.2170)

Rafael Montoito

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (campus Pelotas)  
xmontoito@gmail.com

### Resumo

Este artigo se apropria de algumas obras literárias para discutir e apresentar propostas de escritas criativas para a Educação Matemática, que ponham em coexistência a racionalidade desta disciplina com a inventividade da escrita literária, abrindo espaços à criatividade. Tomando como referência de destaque as obras de Lewis Carroll e o modo como ele trabalha a ruptura do tempo e do espaço em algumas de suas narrativas, este texto é uma exegese de seu mais longo poema nonsense: *A caça ao turpente* (*The hunting of the snark*). O resultado, a partir de estudos da obra carrolliana e de aspectos da historiografia de seu tempo, é a apresentação de três conteúdos matemáticos que emergem de sua narrativa. Tal qual o autor a concebeu, assim serão apresentados os passos desta pesquisa: do final para o princípio, isto é, das referências bibliográficas para a introdução.

**Palavras-chaves:** Matemática e literatura. Lewis Carroll. A caça ao turpente. Leitura e escrita criativas. Narrativas e educação matemática.

### Abstract

This article appropriates from some literary works to discuss and present creative writing proposals for the mathematical education, which put in coexistence the rationality of this discipline among with the inventiveness of literary writing, giving place to creativity. Taking as a reference the leading position that has Lewis Carroll's work, and the way how he develops the disruption of time and space in some of his storylines, this text is an exegesis of his longest nonsense poem: *The hunting of the snark*. The result, stem from studies of Carroll's opus, and historiography aspects of its time, is the presentation of three mathematical contents that emerge from his narratives. Such as the author conceded, the steps of the research will be presented from the end to the beginning, which is: from the bibliographical references to the introduction.

**Keywords:** Mathematics and literature. Lewis Carroll. The hunting of the snark. Creative reading and writing. Mathematics education and narratives.

### 5. Referências

ALBARELLO, Q. R. S. (2014). *Um olhar sobre a matemática: fobia ou encantamento?* Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, Frederico Westphalen, 2014.

- ANTUNES, A. A. (1984). Aventuras no país dos turpentes ou através do turpente e o que encontrei lá / Notas à tradução. In: CARROLL, L. *A caça ao turpente*. Além Paraíba: Interior Edições.
- ÁVILA, M. (1996). *Rima e solução: a poesia nonsense de Lewis Carroll e Edward Lear*. São Paulo: Annablume.
- BRANDT, C. F.; BURAK, D; KLÜBER, T. E. (2010). *Modelagem matemática: uma perspectiva para a educação básica*. Ponta Grossa: Editora UEPG.
- CAMPOS, G. (2004). *O que é tradução*. São Paulo: Brasiliense.
- CARROLL, L. (1953). *Diaries*. GREEN, R. L. (Editor). Londres: Cassell & Company LTD.
- CARROLL, L. (1979). *The letters of Lewis Carroll*. In: COHEN, M. N (Eds.). Nova Iorque: Oxford University Press.
- CARROLL, L. (1984). *A caça ao turpente*. Além Paraíba: Interior Edições.
- CARROLL, L. (2003). *A caça ao snark*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- CARROLL, L. (2003). *Alicia en el país de las maravillas / A través del espejo / La caza del snark*. Barcelona: Plaza y Janés Editores.
- CARROLL, L. (2005). *The complete stories and poems of Lewis Carroll*. New Lanark: Geddes & Grosset.
- CARROLL, L. (2006). *The annotated hunting of the snark – The definitive edition*. Nova Iorque: Norton & Company.
- CARROLL, L. (2016). *A caça ao esnarque*. São Paulo: Laranja Original.
- CARROLL, L. (2017). *A caça ao snark*. Rio de Janeiro: Galeria Record.
- CHACÓN, I. M. G. (2003). *Matemática emocional: os afetos na aprendizagem matemática*. Porto Alegre: Artmed.
- COHEN, M. N. (1998). *Lewis Carroll – uma biografia*. Rio de Janeiro: Record.
- CORTÁZAR, J. (2013). *O jogo da amarelinha*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CURY, H. N. (2008). *Análise de erros: o que podemos aprender com as respostas dos alunos*. Belo Horizonte: Autêntica.
- D'AMORE, B. (2012). *Matemática, estupefação e poesia*. São Paulo: Editora Livraria da Física.
- FELICETTI, V. L. (2007). *Um estudo sobre o problema da MATOFOBIA como agente influenciador nos altos índices de reprovação na 1ª série do Ensino Médio*. Unpublished master's thesis, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.
- FLORES, E. C.; VASCONCELOS, I. H. G. de. (2000). *A era vitoriana: a duração de um reinado*. São Paulo: FTD.
- FUX, J. (2016). *Matemática e Literatura: Jorge Luis Borges, George Perec e o OULIPO*. São Paulo: Perspectiva.
- GARDNER, M. (2002). Notas. In: CARROLL, L. *Alice – edição comentada*. Rio de Janeiro: Zahar.

- GARDNER, M. (2006). Notas. In: CARROLL, L. *The annotated hunting of the snark – The definitive edition*. Nova Iorque: Norton & Company.
- GARNICA, A. V. M. (2015). Ceci n'est pas un article: impressões fragmentadas sobre Arte e Educação Matemática. *Zetetiké*. v. 23, n. 43, 11-32.
- GONTIJO, C. H. et al. (2019). *Criatividade em matemática: conceitos, metodologias e avaliação*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- KRULIK, S; REYS, R. E. (1997). *A resolução de problemas na matemática escolar*. São Paulo: Atual.
- LARROSA, J. (2002) Notas Sobre a Experiência e o Saber de Experiência. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n. 19, 20-28. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.
- LEITE, S. U. (1986). *Crítica Clandestina*. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora.
- MANGUEL, A. (2009). *À mesa com o Chapeleiro Louco: ensaios sobre corvos e escrivainhas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- MARRET, S. (2003). Lacan sobre Lewis Carroll. In: MILLER, Jacques-Alain (Eds.). *Ornicar: de Jaques Lacan a Lewis Carroll*. Rio de Janeiro: Zahar.
- MARTINS, J. S. (2007). *Projetos de pesquisa: estratégias de ensino e aprendizagem em sala de aula*. Campinas: Armazém do Ipê.
- MENDES, I. A. (2009). *Matemática e investigação na sala de aula*. São Paulo: Editora Livraria da Física.
- MIORIM, M. A. (1998). *Introdução à história da educação matemática*. São Paulo: Atual.
- MONTOITO, R. (2009). *Ensinando matemática através da literatura: estudos e propostas de atividades interdisciplinares a partir das obras de Lewis Carroll*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel.
- MONTOITO, R. (2011). *Chá com Lewis Carroll: a matemática por trás da literatura*. Jundiá: Paco Editorial.
- MONTOITO, R. (2017). Citar ou não citar, eis a questão (Ou a inusitada união literária de Shakespeare e Lewis Carroll para defender Euclides). *Boletim Cearense de Educação e História da Matemática*. n. 4, n. 11, 49-68.
- MONTOITO, R. (2019) Entrelugares: pequeno inventário inventado sobre matemática e literatura. *BOLEMA*. v. 33, n. 64, 892-915.
- MONTOITO, R. (2019). *Lógica e nonsense nas obras de Lewis Carroll: silogismos e tontogismos como exercícios para o pensamento*. Pelotas: Editora do IFSul.
- MONTOITO, R; RIOS, D. F. (2019). Manchas de tinta no papel: a literatura como fonte histórica. *Zetetiké*, v. 27, 1-18.
- MORIN, E. (2004). *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- MORIN, Edgar. (2011). *Os setes saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez.

ONUCHIC, L. de la R; ALLEVATO, N. S. G. (2012). Novas reflexões sobre o ensino-aprendizagem de Matemática através da resolução de problemas. In: BICUDO, M. A; BORBA, M. de C. (Eds.) *Educação matemática: pesquisa em movimento*. São Paulo: Cortez.

PEREC, G. (2009). *A vida modo de usar*. São Paulo: Companhia das Letras.

POLYA, G. (2006). *A arte de resolver problemas*. Rio de Janeiro: Interciência.

PONTE, J. P; BROCARD, J; OLIVEIRA, H (2006). *Investigações matemáticas em sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica.

ROQUE, T. *História da matemática: uma visão crítica, desfazendo mitos e lendas* (2012). Rio de Janeiro: Zahar.

#### 4. Registros após a viagem

Igual ao navio em que as personagens do poema *A caça ao turpente* (CARROLL, 1984) viajam, que se movimentam de trás para frente, o artigo aqui exposto teve sua ordem invertida, tanto no processo de escrita quanto no de sua elaboração: o percurso inverso, um arroubo nonsensico e criativo, está aqui posto para discutir outros percursos de pensamento e de escrita para a Educação Matemática. Ao subverter sua ordem para falar da (des)ordem, ao dar vazão à criatividade para falar de criatividade, seria este um meta-artigo? Ou poderíamos cunhar, a partir desta experiência literária – que é, ao mesmo tempo, acadêmica –, a palavra-valise *metartigo*?

É provável que tais divagações, que são recordações desta viagem, não se respondam prontamente. A viagem acabou e nosso leitor talvez ainda se pergunte o que seria um turpente ou, de maneira mais ampla, qual o significado subjacente ao poema de Carroll. Dada a estrutura do nonsense, que segundo Ávila (1996) e Leite (1986) possibilita ao leitor extrair da obra múltiplos significados disjuntos ou complementares, trazemos aqui o nosso: a caça ao turpente é uma alegoria para a construção do conhecimento, sobretudo o matemático.

Esta interpretação nos parece plausível por, pelo menos, três analogias<sup>1</sup>:

(1) vários alunos desenvolvem afetos conflitantes com relação à aprendizagem de matemática (CHACÓN, 2003) e sentimentos de *matofobia* (ALBARELLO, 2014; FELICETTI, 2007), o que conecta, popularmente, a disciplina à afirmação de que a Matemática é um bicho de sete cabeças, um monstro – um turpente.

(2) aprender matemática é tarefa que, muitas vezes, exige trabalho em grupo: investigações feitas em sala de aula a partir de situações dadas (MENDES, 2009; PONTE, BROCARD e OLIVEIRA, 2006), resolução de problemas (POLYA, 2006; KRULIK e REYS, 1997; ONUCHIC e ALLEVATO, 2004), tentativas e erros (CURY, 2007), atividades de modelagem (BRANDT, BURAK e KLÜBER, 2010) e projetos de pesquisa (MARTINS, 2007) são algumas metodologias que convidam os alunos a trabalharem juntos – como a tripulação do poema.

---

<sup>1</sup> Servimo-nos de conhecidas referências bibliográficas nos pontos 1, 2 e 3 para traçar paralelos entre a história de Carroll e questões atinentes ao ensino de matemática. Obviamente, para qualquer um destes tópicos, várias outras poderiam ser citadas.

(3) os estudos de história da matemática (ROQUE, 2012) ou história da educação matemática (MIORIM, 1998) apontam que a construção do conhecimento matemático é um processo histórico, no qual se percebem avanços, interrupções, desvios, acertos e falhas. O aluno refaz este percurso, em sua vida acadêmica, por distintos caminhos, superando diferentes obstáculos epistemológicos e de aprendizagem – aprender é uma viagem, uma aventura.

Sendo assim, o poema que descreve a viagem de uma tripulação à caça de um monstrengo pode ser entendido como um processo de aprendizagem matemática em que, agindo em grupo, os alunos auxiliam uns aos outros a construir seus conhecimentos e a superar a matofobia.

Com relação à escrita, tanto o poema de Carroll quanto este texto chamam a atenção para uma pluralidade de estilos que, muitas vezes, são mais representativos da construção do pensamento e da elaboração das ideias do que os representados por uma escrita estandardizada. Como nosso pensar não é sempre linear (nossos pensamentos desenvolvem-se de maneira complexa, cheios de rupturas, idas e vindas) e como nossa criatividade também não faz emergir objetos prontos, acabados e ordenados, este texto enseja, ainda que minimamente, tirar o leitor da posição confortável de uma leitura do tipo começo-meio-fim: ao deparar-se com o imprevisto, o leitor precisa reformar seu pensamento<sup>2</sup> para enfrentar as incertezas (MORIN, 2004; MORIN, 2011) e, assim, é convidado a ter uma experiência (LARROSA, 2002) que visa a problematizar outras formas de se divulgar os trabalhos acadêmicos, abrindo espaços para a criatividade (GOTIJO et al, 2019).

“É importante reiterar e ressaltar que uma forma nova permite dizer coisas novas e, nesse sentido, a subversão aos modelos canônicos das composições acadêmicas deve, cada vez mais, ser exercitada” (GARNICA, 2015, p. 20). Deste modo, o artigo aqui posto é um destes exercícios, cujo êxito fica à apreciação dos leitores.

### 3. Anotações da viagem

Assim como com as demais obras de Carroll, em *A caça ao turpente* é possível trazer à superfície algo da matemática subjacente à história. Este processo, assumimos, é interpretativo e dá-se de maneira interligada às demais vivências e leituras de quem o faz. É um jogo entre racionalidade e subjetividade, entre o que já conhecemos e vamos procurar no texto versus o que ele nos suscita e nos impele a entender: à caçada ao turpente equivale uma caçada por elementos matemáticos.

---

<sup>2</sup> A ideia de “repensar a reforma e reformar o pensamento”, discutida por Morin, é bem mais ampla do que aquela que aqui expomos. Seus livros discutem uma ampla reforma do ensino que tem como objetivo educar o indivíduo para uma vivência cidadã a nível planetário, para a qual seriam importantes as lições de aprender a lidar com as incertezas, desfazer-se da ilusão do conhecimento absoluto e desenvolver a autoética. Estes e outros pontos, segundo o filósofo, podem ser estimulados a partir do contato com a literatura, a qual ele chama de “escola de vida”. Reconhecendo também nós as potencialidades da literatura para a Educação Matemática, esperamos ter conseguido colocar o leitor, através da leitura deste texto, em contato com estes três pontos, ainda que minimamente.

Não são poucas as relações que anotamos desta viagem. Algumas são mais elementares e diretas<sup>3</sup>, enquanto outras precisam que o pesquisador as manipule, as interprete e as ressignifique. Consideramos, neste processo, que “a arte pode ser porta de entrada para uma sensibilidade que tem estado ausente em nosso meio de pesquisa” (GARNICA, 2015, p. 12) e que, por isso, ao fazer as notas desta viagem, os redatores deixaram aflorar a sensibilidade e imaginação. Contudo, claro está que não há, necessária e obrigatoriamente, um equilíbrio ou ordem de importância quando se coloca matemática e arte – neste caso, a literatura – lado a lado; porém uma delas, quando defrontada com a outra, pode revelar dessa alguns elementos que passariam despercebidos a quem não se predispuesse a fazer tal cotejamento (D’AMORE, 2012).

Três são, portanto, os pontos comentados a seguir: teoria de conjuntos, lógica simbólica e definição de funções. Para interpretar e ressignificar estes tópicos, foi indispensável olhar para diferentes edições de *A caça ao turpente*<sup>4</sup> (CARROLL, 1984; 2003; 2016; 2017), bem como a ler as notas da respectiva edição comentada (CARROLL, 2006), a biografia de Carroll (COHEN, 1998) e suas cartas (CARROLL, 1979). Interessamos apresentar ao leitor não apenas a matemática destes pontos, mas ela como sendo uma das faces de outras possíveis explicações, as quais serão dadas sempre que possível com o objetivo de enriquecer a análise e de mostrar como a matemática se entranha em outras dimensões do humano, manipuladas literariamente por Carroll. Nos casos em questão, poderíamos pontuar as dimensões filosófica e teológica (teoria dos conjuntos), linguística (lógica simbólica) e social (definição de funções) assumindo, obviamente, que são interpretações às quais chegamos através da análise de elementos comentados em cada uma destas partes.

- *Teoria dos conjuntos:*

Por definição, um conjunto é uma coleção de elementos que satisfazem à determinada lei de criação, ou seja, os elementos reunidos num conjunto têm em comum ao menos a propriedade enunciada nesta lei.

Podemos afirmar, então, que o navio no qual as personagens embarcam é um conjunto cuja lei está dada na formação de seus nomes, pois todos eles, no texto original (CARROLL, 2006), têm *B* como inicial. Na tradução para a língua portuguesa, realizada por Alvaro A. Antunes, o conceito de conjunto é mantido, mas os nomes foram trocados por outros começados por *C*, conforme se lê em seu relato:

Os nomes das personagens: salta logo aos olhos que todos começam por *b* no original e por *c* na minha tradução (...). Vamos a eles: *Bellman* é o pregoeiro, o arauto das horas: nos navios antigamente cada turno de quatro horas de vigia era marcado pelo *sineiro* com oito badaladas, uma para cada meia hora decorrida; na minha tradução é o *Campainha*. *Boots*, em hotéis e hospedarias, era o serviçal encarregado de lustrar botas, sapatos, chinelos; na minha tradução é o *Chineleiro*. O *maker of Bonnets and Hoods* é um artesão de bonés, capuzes, chapéus; virou *Chapeleiro*. *Barrister* é termo que designa os advogados; não consegui uma solução satisfatória: *Conselheiro*, solução que adotei, embora seja uma das conotações de advogado, não é termo de uso corrente nos tribunais. *Broker*, alguém encarregado de avaliar os bens tomados

<sup>3</sup> Poderíamos citar, como exemplos diretos, a menção à regra de três, um problema algébrico que aparece na história e a existência do zero.

<sup>4</sup> Apenas uma das quatro edições em língua portuguesa (três do Brasil e uma de Portugal) propôs uma tradução para *snark* (*turpente*); duas mantiveram a palavra original e uma optou por uma opção fonética (*esnarque*).

para pagamento de dívidas, o que lhe vale a aura de antipatia devotada aos que lucram com a desgraça alheia; numa acepção mais moderna significa também *Corretor*, solução que adotei. *Billard-maker* é o empregado dos salões de bilhar encarregado de marcar no quadro-negro os pontos (carambolas) obtidos pelos jogadores; no poema existe uma menção aos talentos do personagem para enriquecer, não se sabe se à custa de fraudes ou da sua própria habilidade no jogo: numa de suas acepções em português, *Carambola*, solução que adotei, significa, também, logro, embuste. *Banker* é um banqueiro; eis outra solução insatisfatória (rejeitei *Capitalista* pela inevitável conotação ideológica que carrega): Carroll deixa claro que o seu é um banqueiro arquetípico: avarento, oportunista, mas na minha deformadora solução, *Caixa*, o personagem foi rebaixado de banqueiro a bancário com aspirações a *Beaver*, eis enfim um caso em que a correspondência é imediata: *Castor*. *Baker* significa padeiro; adotei *Confeiteiro* (...). *Butcher* significa açougueiro, e em sentido um pouco figurado, *Carniceiro*, solução que adotei (ANTUNES, 1984, p. 107-108).

Este não é o único conjunto, relativo às personagens, que aparece no livro. Um outro, de animais estranhos que os caçadores encontram em sua aventura, é formado por dois elementos: o *Bandersnatch*<sup>5</sup> e o *Boojum*; em português, o *Cacharra* e o *Chupapão*.

Como leitores atentos, caçadores de elementos matemáticos no poema, percebemos então que há dois conjuntos disjuntos na história, de modo que poderíamos nomear como *tripulação* o conjunto  $T = \{\text{personagens que viajam no navio}\}$  e como *animais estranhos* o conjunto  $A = \{\text{personagens encontrados durante a caçada}\}$ .  $T \neq A$ , ainda que ambos tenham a mesma lei de formação (nomes começados pela letra *B* – ou *C*, na tradução), porém  $T \subset N$  e  $A \subset N$  se  $N = \{\text{narrativa}\}$  for assumido como um conjunto universo. Não são poucos, na teoria de conjuntos, os conjuntos que poderíamos formar que, mesmo tendo a mesma lei, não possuem nenhum elemento em comum, porém deixamos ao leitor a realização desta fácil tarefa de verificação.

Vale a pena chamar a atenção para um ponto importante: a escolha acertada de Antunes (1984) é que possibilitou que a ideia da formação de conjuntos se mantivesse na língua de chegada<sup>6</sup>. Não há registro em seu texto, como visto no parágrafo citado anteriormente, de que esta solução tenha sido pensada por outros motivos que não o linguístico, mas o resultado privilegia uma característica importante do poema de Carroll que nos permite atribuir a ele o significado matemático aqui apresentado. Infelizmente, outras edições não apresentam o mesmo resultado<sup>7</sup>. Também desconhecemos algum

<sup>5</sup> Carroll nunca se expressou sobre como seriam estes animais, o que gerou muita especulação por parte de seus estudiosos. Em nota, Gardner (2006) sugere que o *Bandersnatch* seja um animal com atitudes arrebatadoras (*snatching*) e a forma de um feroz cão de guarda (*bandog*) ou de um macaco-rhesus (*bandar*). Sobre o *Boojum* não há nenhuma nota. Na edição em língua portuguesa, temos o contrário: Antunes (1984) não comenta nada sobre seu *Cacharra*, mas confessa que optou por *Chupapão* pela sonoridade da palavra, que evoca o monstro do Bicho-papão. Em ambos os casos, tal como fez para as personagens do navio, o tradutor teve a sensibilidade de manter a mesma letra como inicial dos nomes.

Para se ter uma ideia do alcance da obra de Carroll e do quanto ela ainda é revisitada, em 2019 o seriado *Black Mirror*, exibido pela *Netflix*, lançou o primeiro episódio interativo da história dos seriados, no qual o telespectador pode optar por mudar, mais de uma vez, o rumo da história. Este episódio se chama *Bandersnatch*.

<sup>6</sup> Segundo Campos (2004), a língua na qual se encontra o texto original é chamada de língua-fonte (ou língua de origem ou língua de partida) e, aquela na qual se apresenta a tradução, é a de língua de chegada (ou língua-meta ou língua-termo ou língua-alvo).

<sup>7</sup> Na edição portuguesa (CARROLL, 2003) as personagens são: Sineiro, Moço de recados, Chapeleiro, Advogado, Notário, Bilharista, Banqueiro, Castor, Padeiro e Talhante; na edição em espanhol (CARROLL, 2003): Capitán, Limpiabotas, Sombbrero, Letrado, Tasador, Marcador de Billar, Banquero, Castor, Panadero e Carnicero. Conhecemos também duas outras edições publicadas recentemente no Brasil; em

contexto matemático que tenha levado Carroll a nomear todos seus personagens com a inicial *B* mas, tomando esta regra como posta, desrespeitá-la omite um importante elemento humorístico do poema e, de certo modo, chanfra uma possível interpretação matemática.

Duas conjecturas possíveis para esta escolha de Carroll são apresentadas por Gardner (2006): na primeira, o comentador relembra que Carroll assinou alguns dos seus primeiros poemas com o pseudônimo *B.B.*, mas não há maiores explicações sobre esta escolha; na segunda, a inicial *b* evocaria o verbo *ser* (*to be*, em inglês) e os personagens carregariam consigo, por habitarem o mundo da fantasia com o status de realidade que a literatura permite, a dicotomia *ser ou não ser* (*to be or not to be*), numa homenagem às obras de Shakespeare<sup>8</sup>, de quem Carroll tinha predileção. Esta associação ao verbo *ser* é levada às últimas consequências por filósofos hegelianos que interpretam o poema como sendo uma alegoria sobre a busca pelo Ser Absoluto (GARDNER, 2006).

- Lógica simbólica

Carroll era um entusiasta da lógica simbólica e dedicou muitos anos de sua vida a desenvolvê-la, tentando preencher lacunas que considerava haver na lógica aristotélica e planejando novos métodos para ensiná-la. Presença constante também em suas obras literárias, a lógica é elemento fundamental na composição do nonsense enquanto estilo literário (MONTTOITO, 2019) e, para entendermos como ela emana de *A caça ao turpente*, é necessário abordarmos previamente outra criação de Carroll: as palavras-valise.

As palavras-valise (ou palavras-mala) são palavras inventadas por Carroll pela junção de duas ou mais palavras que, ao amalgamarem seu significado, criam outro novo. Elas são a união perfeita entre linguagem e matemática, pois à medida que “a língua de Carroll, por seus textos, se matematiza, os neologismos aparecem como uma abundância de letras que rompem com as concepções do autor referentes à linguagem” (MARRET, 2003, p. 23). Em termos de lógica simbólica, cada palavra-mala é um exemplo do operador lógico da conjunção ( $\wedge$ ).

Para começar, há uma palavra-valise já no título do poema: o monstrengo caçado é, na versão original, um *snark*. Apesar de Carroll ter declarado várias vezes que ele mesmo desconhecia o significado deste neologismo (GARDNER, 2006), inúmeros estudiosos tentaram decifrar este enigma. Uma das versões mais comumente aceita é que o animal seria um misto de *snake* (cobra) ou *snail* (caracol) com *shark* (tubarão); a partir disso Antunes (1984) cunhou, na edição brasileira, a palavra-mala *turpente*, uma simbiose entre serpente<sup>9</sup> e tubarão.

---

uma (CARROLL, 2017), os personagens são: Mensageiro, Sapateiro, Chapeleiro, Advogado, Corretor, Juiz de bilhar, Banqueiro, Castor, Padeiro e Açougueiro; na outra (CARROLL, 2016): Sineiro, Alfaiate, Chapeleiro, Advogado, Corretor, Sinuqueiro, Banqueiro, Castor, Padeiro e Açougueiro. A confusão está posta, se colocarmos estas edições lado a lado: um *Sapateiro* não é necessariamente um *Limpiabotas* (engraxate), muito menos um Moço de recados.

<sup>8</sup> Para um aprofundamento acerca de como Carroll se apropria dos escritos de Shakespeare em suas obras, em muitas das vezes para construir argumentações para assuntos de matemática, indicamos a leitura do artigo *Citar ou não citar, eis a questão* (MONTTOITO, 2017).

<sup>9</sup> Ressaltamos que a diferença entre *cobra* e *serpente* pode fazer com que o leitor crie, em sua imaginação, animais distintos. Esta distorção, que é uma consequência da tradução, não chega aqui a criar um problema, pois o monstrengo não aparece em nenhuma ilustração do livro e sua forma fica a cargo da criatividade do leitor.

Há muitas outras palavras-valise neste poema carrolliano, e cada uma delas pode ser entendida como casos de proposições que contêm um operador de conjunção, ou seja, do tipo  $A \wedge B$ : ao tomarmos uma parte da palavra-valise (A, por exemplo) como uma sentença verdadeira tem-se, automaticamente, a outra (B). Esta relação de coexistência (A e B) afirma sobre o que se fala algo distinto do que afirmaria se as proposições A e B fossem tomadas separadamente.

Alguns exemplos, extraídos da tradução de Antunes (1984), aparecem dispostos no quadro 1:

**Quadro 1:** Exemplos de palavras-valise de *A Caça ao Turpente*

Palavra-valise original	Explicação	Tradução
galumphing	Segundo o Oxford English Dictionary, é a união de <i>gallop</i> (galopar) e <i>triumphant</i> (triumfalmente)	Considerando a flexão verbal do verso em que aparece, <i>galunfava</i> ( $galopar \wedge triunfava$ )
frumious	No prefácio de <i>A caça ao turpente</i> , Carroll a define pela junção de <i>fuming</i> (de <i>fume</i> , encolerizar-se) e <i>furious</i> (furioso)	Enfuriado ( $enfurecido \wedge furioso$ )
mimsiest	Humpty Dumpty já a tinha definido em <i>Através do espelho e o que Alice encontrou lá</i> : a junção de <i>miserable</i> (miserável) e <i>flimsy</i> (frívolo, frágil)	Misefrágeis ( $miserável \wedge frágeis$ )

Fonte: elaborado pelo autor, a partir de Carroll (1984)

As palavras-valise são recorrentes nos escritos de Carroll e aparecem até mesmo nas cartas que enviava às crianças (COHEN, 1998). Em *Através do espelho e o que Alice encontrou lá*, publicado antes de *A caça ao turpente*, Humpty Dumpty é uma personagem que as usa em profusão e, por isso, Gardner (2002) aponta-o como sendo um filólogo e um filósofo versado em filosofia da linguagem, um precursor dos estudos de Ludwig Wittgenstein.

Além do operador lógico da conjunção há, também, implicações lógicas do tipo  $A \rightarrow B$  no poema carrolliano, porém elas são bastante sutis e relacionam acontecimentos da narrativa, à medida que os explicam. Dentre os exemplos possíveis, citamos dois a seguir, sendo que o primeiro pode ser deduzido do encadeamento de duas estrofes do primeiro capítulo, o qual narra o desembarque dos tripulantes do navio no local onde caçariam o turpente.

Eram quarenta e duas as caixas que tinha,  
Cada uma o seu nome trazia:  
Não o disse a ninguém e ninguém advinha!  
Ficaram na praia vazia.

A perda da roupa era um nada porque  
Sete mantos trajava ao entrar,

Calçava três botas mas, sabem o quê?  
 Seu nome não conseguia lembrar!  
 (CARROLL, 1984, p. 29)

O excerto fala do Confeiteiro. Ele não consegue lembrar seu nome porque as caixas em que o havia escrito não foram carregadas no navio para a viagem. Há, na narrativa, uma implicação lógica (antecedente e consequente) cuja compreensão advém do nonsense. Carroll propõe uma relação do tipo *se A, então B* ( $A \rightarrow B$ ): *se* as caixas nas quais estava escrito o nome do Confeiteiro foram esquecidas, *então* ele não o consegue lembrar, pois não o lê em nenhum lugar.

Outro caso semelhante aparece no segundo capítulo, decorrente da estrofe a seguir:

O perigo passara! Enfim ancorara  
 O navio, as valises, os frascos;  
 Frustração mais tremenda: a visão era horrenda!  
 Era só precipício e penhascos!  
 (CARROLL, 1984, p. 39)

É somente a partir do desembarque das valises que as palavras-valise surgem no poema. Se tomarmos como A o desembarque das valises, então sua implicação lógica é a possibilidade de o escritor, após isso, apresentar ao leitor suas palavras-valise (B). Deste modo, a relação  $A \rightarrow B$  tem implicações para o desenrolar do restante da história, isto é, A e B são *acontecimentos* da narrativa, partes da aventura, e não apenas sentenças (GARDNER, 2006).

- Definição de funções

Sabemos que são necessários dois conjuntos e uma relação entre eles para que se defina uma função. Esta relação, que é a lei de formação da função, não pode ser qualquer, mas uma que associe, a cada elemento do conjunto de partida (chamado *domínio*), apenas um elemento do conjunto de chegada (chamado *imagem*).

Em *A caça ao turpente* temos uma relação deste tipo, enunciada várias vezes ao longo do poema. Poderíamos defini-la como *função caça*, uma vez que ela põe em correspondência cada tipo de turpente ao objeto que seria mais indicado para capturá-lo. Para entender melhor estas questões, novamente nos apoiamos em trechos do poema:

“Vinde, homens de bordo, e ouvi! Vos recordo  
 As cinco inconfundíveis marcas.  
 Delas perceberéis, não os confundireis,  
 Os Turpentes que deglutem barcas.

“Sigamos a ordem. Primeiro o sabor,  
 Que é crocante e oco qual chá:  
 Parece um capote apertado, um terror!,  
 Com um gostinho de boitatá.

“Levanta-se tarde, bem tarde, não brinco!,  
 Ouvi e ireis concordar:  
 O café da manhã toma no chá das cinco,  
 Só no dia seguinte é o jantar.

“Terceiro: demora a ver qual a graça  
 De qualquer anedota: une  
 A cara de tacho a um ar de desgraça

E a qualquer trocadilho é imune.

“A quarta é a tara por carros-de-banho,  
Leva um sempre consigo, incansável:  
Acredita que enfeitam a praia. É estranho...  
Eis aí crença assaz questionável.

“E, por fim, ambição. Em seguida, na ordem,  
Cada tipo descrevo, e a manha:  
Um deles tem penas, cuidado! estes mordem!;  
Suíças o outro, este arranha!

“Muito embora um Turpente comum seja manso,  
Meu dever é alertá-lo, soldado:  
Alguns são Chupapães...”. E calou. Num balanço  
Confeiteiro havia apagado.  
(CARROLL, 1984, p. 42-43)

À descrição dos cinco horríveis tipos de turpente – cuja simples alusão leva o Confeiteiro ao desmaio – aparecem, na história, as armas adequadas para a empreitada à qual as personagens se propõem:

“Com dedais, com cautela, podes ir caçá-lo;  
Com garfo e esperança o achar;  
Com uma ação ferroviária ameaça matá-lo;  
Com sabão e sorriso o encantar...”  
(CARROLL, 1984, p. 47)

Há, como o poema sugere, cinco tipos de turpente, e a cada qual um objeto é mais nocivo. A estrofe anterior é repetida várias vezes, do segundo capítulo do poema até o último, como uma cantiga de boa sorte, que relaciona monstregos e objetos do seguinte modo: o dedal é para bater no turpente e fazê-lo acordar-se a tempo das refeições; o garfo é para comer um deles e apreciar seu sabor; a ação ferroviária atrai a atenção do tipo mais ambiciosos; o sabão será utilizado por aquele que carrega seu próprio carro-de-banho; o sorriso adverte ao mais pateta que uma piada foi dita e que, portanto, é hora de rir (GARDNER, 2006).

Desta relação de um por um, além da leitura matemática que conseguimos fazer a partir das nossas referências e experiências, gostaríamos de destacar pelo menos dois pontos, para propiciar ao leitor uma compreensão melhor do poema. Segundo Montoito (2019) e Ávila (1996), uma das características mais marcantes do nonsense – talvez a que mais sublinha seu humor latente – é a presença de objetos reais e cotidianos utilizados de maneira incomum. Para que o leitor entenda por que as ações ferroviárias e os carros-de-banho aparecem como armas para a caçada, é mister falar um pouco sobre a época de Carroll: a era vitoriana.

Conforme o nome sugere, este foi o período histórico em que a Rainha Vitória esteve no trono da Inglaterra, entre 1837 e 1901. Nesse período pós Revolução Industrial, a Inglaterra tornou-se a nação mais industrializada do planeta, dominando um vasto império marítimo e colonial na Ásia e na África e exportando produtos industrializados para a América Latina, principalmente para o Brasil (FLORES e VASCONCELOS, 2000). A terra da Rainha passou a ser conhecida como Oficina do Mundo: navio a vapor, telégrafo, automóvel, eletricidade, cinematógrafo, máquina de escrever, bicicleta, fotografia e futebol foram algumas das “invenções” desta época. No entanto, o que mais alterou o cotidiano e o cenário inglês foram os transportes ferroviários: “25 mil pessoas

trabalharam durante 5 anos na construção da ferrovia Londres-Birmingham, inaugurada em 1838. Esta obra foi comparada à construção das pirâmides do Egito” (FLORES e VASCONCELOS, 2000, p. 12).

Sendo assim, não seria exagero afirmar que “Carroll viveu num tempo em que as ferrovias começavam a mudar a face dos verdes campos da Inglaterra rural, fortunas eram erguidas e destruídas da noite para o dia na selvagem especulação com ações de companhias ferroviárias” (ANTUNES, 1984, p. 95). Logo, este cenário financeiro seria atraente para um turpente ganancioso, ávido por enriquecer, motivo pelo qual acenar-lhe com ações ferroviárias poderia atraí-lo facilmente.

Já o turpente mais tímido e pudico faria uso de um carro-de-banho, um tipo de cabine fechada, com rodas, que era puxada por homens ou por cavalos. As mulheres inglesas trocavam de roupa ali dentro, de modo que tais cabines eram indispensáveis para um banho de mar (GARDNER, 2006). A quantidade delas, nas praias, era grande, daí a ironia de Carroll ao dizer que é questionável a opinião do monstro sobre elas embelezarem a paisagem. Para este tipo de turpente, um sabão seria um atrativo irresistível.

**Figura 3:** Carros-de-banho



Fonte: [https://racingnelliably.com/strange\\_times/bathing-machines-beach-wear-then-now/](https://racingnelliably.com/strange_times/bathing-machines-beach-wear-then-now/)

Os três pontos comentados nesta seção representam três possibilidades de aproximação – e, portanto, de leitura – matemática que experienciamos ao nos pormos em contato com este poema carrolliano. Ainda “obscurecido injustamente pelas duas [aventuras de] Alice” (ANTUNES, 1984, p. 9), tão frequentemente revisitadas pelos amantes da matemática e da lógica, esperamos que este artigo contribua para tirá-lo das sombras e ampliar as discussões acerca da potencialidade didática de *A caça ao turpente* para o estudo e ensino de matemática pois, como dito anteriormente, há várias outras presenças matemáticas na história que não foram aqui comentadas.

É imprescindível considerarmos que leitores diferentes conseguirão perceber, na história, presenças matemáticas distintas destas que destacamos. O cerne deste processo está na relação que o leitor estabelece com o livro e em quantos e quais movimentos e conexões consegue traçar entre esta obra e outras que conhece. Uma vez que “o esforço despendido pelo leitor na compreensão de um texto depende diretamente da relevância que o texto lhe pareça ter” (ÁVILA, 1996, p. 97) e que, ainda, todo livro busca seu “leitor ideal” (MANGUEL, 2009), é imperativo que, num processo de hermenêutica como o aqui

posto, o leitor pesquise sobre alguns aspectos relevantes da obra: sua criação, sua estrutura, as intenções do autor etc são informações apontadas por Montoito e Rios (2019) como categorias interpretativas que auxiliam o pesquisador a interrogar uma fonte literária.

## 2. Rápida olhadela no guia de viagem

A procura de presenças matemáticas em *A caça ao turpente* exige que, num primeiro momento, compreendamos o livro como uma obra de arte completa, um todo, um texto que pode ser interpretado, pois

[...] tudo é texto, já que tudo é linguagem. São textos as obras dos poetas, os livros sagrados da Índia, os templos e os mausoléus, as imagens tântricas de Bengala, o caráter nacional mexicano, o cinema de Buñuel, a experiência mística e o ascetismo, os ideogramas, o corpo como metáfora do cosmos, as drogas, o espaço como um sistema de sinais (LEITE, 1986, p. 19).

Sendo assim, parece pertinente falarmos um pouco sobre o livro em si e sobre o lugar que ele ocupa na vida e dentre as demais obras de Carroll. Se a história narra uma viagem, seu texto é o guia que nos dá pistas de como melhor o conhecer.

Já no prefácio, Carroll rebate com humor uma possível acusação que lhe poderia ser dirigida: a de que a história era nonsensica. Obviamente ela *possui* nonsense como estilo narrativo, o que não quer dizer que dela não se depreenda algum sentido. Nas palavras do autor:

À vista desta dolorosa possibilidade, não irei (e eu poderia) apelar indignado para as minhas outras obras como uma prova de que sou incapaz de praticar tal ato: não farei menção (e eu poderia) ao vigoroso propósito moral do poema em si, aos princípios de aritmética tão cuidadosamente nele inseridos, ou aos seus nobres ensinamentos de história natural (CARROLL, 1984, p. 19).

Há um traço comum a todas as criações literárias de Carroll: a presença de assuntos que eram caros ou do fazer comum de seu autor. Deste modo, suas histórias são recheadas de desafios lógicos, questões sobre a moral, crença na existência de uma dimensão onírica, críticas sociais ou ao sistema educacional da época etc (MONTITO, 2011), daí a necessidade de se buscar, dentre as características diferentes de cada obra, os pontos comuns que se completam e se reforçam. Foi pensando nisso que nos lançamos na empreitada de identificar presenças matemáticas em *A caça ao turpente*: como já havíamos identificado algumas presenças deste tipo em outras de suas histórias, a hipótese de que nesta também seria possível encontrar questões semelhantes parecia-nos plausível e suficiente para justificar este estudo.

Sobre a criação do poema, o que se sabe vem de um registro que Carroll fez em seu diário: numa caminhada, em 18 de julho de 1874, um verso veio-lhe à mente: *For the snark was a boojum, you see*<sup>10</sup>. Sem saber exatamente o que significava, ele o anotou, e depois o tomou como sendo o último verso do poema que, pouco a pouco, foi criando de trás para frente (CARROLL, 1953).

Àquela época Carroll estava cuidando de Charlie Wilcox, um de seus afilhados que, com apenas 22 anos, havia contraído tuberculose. Embora ele nunca tenha declarado nenhuma associação disso com sua criação literária, estudiosos sugerem entre elas uma ligação estreita, a começar pelo subtítulo do poema: *The hunting of the snark – An agony*

<sup>10</sup> “O Turpente era um Chupapão” é o último verso da tradução proposta por Antunes (1984).

*in eight fits (Uma agonia em oito surtos/crises*<sup>11</sup>). Cada um dos oito surtos é um capítulo do poema que diverte e distrai, “em cujos versos pululam episódios hilariantes, rimas, consonâncias e aliteraões e personagens absurdos – por que uma história tão engraçada deveria terminar em tragédia?” (COHEN, 1998, p. 474-475). A resposta a esta questão talvez seja a morte de Wilcox e, devido a este quadro, alguns estudiosos sugerem que o poema é uma alegoria sobre a vida, uma viagem que rumo à vida eterna. A fé incontestável de Carroll, enquanto diácono, não isenta o poema de certa melancolia.

Mas os múltiplos significados atribuídos ao poema são, sempre, interpretações dos leitores. Em carta enviada em 18 de agosto de 1884 às crianças da família Lowrie, equilibrando o tom sério com uma pitada de humor, Carroll escreveu:

Com relação ao significado de Turpente? Receio que não passe de nonsense! Mesmo assim, vocês sabem, as palavras significam mais do que desejamos expressar quando as usamos: então um livro inteiro deveria significar muito mais do que pretendia o autor. Portanto, estou disposto a aceitar como significado correto qualquer bom significado que for atribuído ao livro. O melhor que vi foi o de uma senhora (ela o enviou em carta a um jornal): o livro seria uma alegoria da busca pela felicidade. Penso que este sentido se encaixa lindamente de diferentes modos – sobretudo no que tange aos carros-de-banho (CARROLL, 1979, p. 548).

Por fim, sobre a criação desta história, vale a pena ressaltarmos que não apenas nela Carroll promoveu um tipo de ruptura nas noções de tempo e espaço. Apesar de *A caça ao turpente* ser a narrativa mais ambiciosa no trato destas questões, Montoito (2009) já havia comentado traços do uso desordenado das noções de tempo e espaço em três produções carrollianas: os universos paralelos que se tangenciam nas histórias dos irmãos Sílvia e Bruno<sup>12</sup> (há, inclusive, um capítulo em que o uso do “relógio extraordinário” faz com que as ações e diálogos se deem de trás para frente); a “memória reversa” da Rainha Branca que, em *Através do espelho e o que Alice encontrou lá*, se lembra dos acontecimentos *antes* de eles se passarem; e algumas cartas enviadas a crianças, nas quais Carroll escreve de traz para frente, desenha animais que parecem estar atravessando a folha de papel ou que, para serem lidas, precisam ser colocadas na frente de um espelho.

Com este artifício didático, Carroll vai quebrando a linearidade do pensamento e acostumando o leitor com sua *lógica do nonsense*, onde as conclusões são tão importantes quanto as premissas e, por isso mesmo, podem vir antes destas. Esta não-linearidade do pensamento e o modo como ele fornece ao leitor pedaços de um todo que formará [ao final] a ideia ou conceito matemático (MONTITO, 2009, p. 34)

Podem ser pensados como aproximações do modo como Morin (2004) discute a formação do pensamento complexo e foram, também, inspirações para a escrita (des)ordenada deste texto.

<sup>11</sup> Ávila (1984) comenta que *fit* significa, corriqueiramente, *convulsão* (como em um ataque de convulsão). Por este motivo, na edição brasileira o subtítulo do poema é *Uma agonia, em oito ataques*. Sendo próprio de Carroll o brincar com as palavras, vale a pena registrar que *fit* também pode ser entendido como *canto* (subdivisão de um poema longo). A cada capítulo da obra se aplicam, então, as duas acepções da palavra: cada um é um *canto* em que as personagens vivem momentos de *agonia* (com humor, é claro) durante a caçada.

<sup>12</sup> Personagens dos livros *Sylvie and Bruno* (1889) e *Sylvie and Bruno concluded* (1893), ambos sem tradução no Brasil. Por este motivo indicamos, nas referências, a obra original (CARROLL, 2005).

Cohen (1998) pontua que, assim como as duas aventuras de Alice, o significado da caçada ao turpente é o *anti-significado*. O poema “envolve mais o ser do que o significar, mais o ouvir do que o ver, o sentir do que o pensar” (COHEN, 1998, p. 478-479) e, como os outros exemplos da literatura carrolliana, entrega-se ao leitor para que este descubra, uma a uma, suas diversas camadas interpretativas.

Cientes disso, a cada vez que tomamos uma obra de Carroll em mãos, aguçamos nosso olhar na apreensão por encontrar presenças matemáticas. Partindo da aritmética anunciada pelo autor no prefácio, seguimos minuciosamente as informações deste livro – como um guia de viagem – para pinçar outras mais e relatá-las como anotações matemáticas desta aventura.

## 1. Preparativos para a viagem

O artigo que aqui apresentamos compõe o conjunto de estudos que temos feito, nos últimos anos, sobre as obras de Lewis Carroll e sobre as presenças matemáticas que delas emergem com intensidades variadas. Na esteira das discussões sobre as inter-relações possíveis entre matemática e literatura e como ambas podem se fazer presentes na pesquisa e no ensino de matemática, desta vez “viajamos” pelas páginas de *A caça ao turpente*.

O trocadilho náutico aqui se adéqua a dois movimentos que originaram este texto: o primeiro diz respeito à história em si, que narra a viagem de um grupo de personagens à caça de um monstrengo assustador; o segundo porque este artigo propõe uma ordem de leitura às avessas, já que começa pela conclusão e acaba aqui, em sua introdução. É provável que, por curiosidade ou estranheza, o leitor surpreenda-se lendo o artigo em formas diversas, indo e voltando em seus parágrafos, desencaixando e reencaixando o texto. Este movimento de trás para frente, limitado aqui pelo papel, foi inspirado pela – e é, ao mesmo tempo, metáfora para a – própria história, na qual o navio em que as personagens embarcam se move na direção contrária à usual.

Ainda que o foco declarado deste artigo seja comentar três incidências de conteúdos matemáticos nesta obra de Carroll, sua forma chama à outra discussão que nos é cara: a necessidade de abrir – ou ampliar – espaços para a criatividade nas aulas de matemática e nas pesquisas em Educação Matemática. Um destes espaços pode ser via literatura: ao estabelecer conexões entre o raciocínio lógico e as dimensões imaginativa e sensível do ser – o primeiro, próprio da matemática e, o segundo, impulsionado pela literatura –, criam-se o que Fux (2016) chama de *Entregulares*, acerca dos quais às diferentes maneiras como literatura e matemática se relacionam foi proposta uma categorização por Montoito (2019).

*A caça ao turpente* se enquadra no grupo de *literaturas com um viés matemático*, no qual

[...] é possível perceber alguns resquícios de Matemática, muito embora não apareçam, explicitamente, termos ligados a ela. É o caso para o qual o leitor precisa (...) colocar seus óculos de lentes matemáticas e dirigir um olhar interpretativo para a passagem lida. Captar, das sutilezas de um texto, uma ideia matemática é um modo válido de o educador matemático colocar-se no mundo à sua volta e relacionar-se com ele – modo esse que talvez não seja igual ao de outra pessoa, a quem o mesmo excerto do texto pode sussurrar relações outras (MONTITO, 2019, p. 902).

Dito isto, este artigo arrisca subverter a ordem canônica da escrita acadêmica para falar de pequenas subversões; ensaia ser criativo para falar de criatividade; inspira-se numa obra composta ao revés – pois Carroll compôs seu poema da última estrofe para a primeira – para apresentar-se ao contrário; abusa do nonsense à busca sentidos ocultos; e malpara-se literário para apresentar a exegese de uma narrativa: como o crocodilo que os irmãos Sílvia e Bruno encontram, que consegue caminhar sobre a própria cabeça, este incomum meta-artigo dá voltas sobre si mesmo e convida o leitor a seguir seu(s) movimento(s).

A elaboração deste texto se firma em algumas discussões sobre criatividade em matemática e na elaboração de narrativas literárias que propõem ao leitor outros percursos que não a leitura começo-meio-fim, usualmente feita de capa a capa. Dito isto, assumimos que o esforço hermenêutico dedicado à compreensão do poema carrolliano e à escrita que comunica estes resultados não conseguiu se isentar totalmente de alguns academicismos: eis aí dois fortes referenciais teóricos.

Sobre criatividade em matemática, tomamos o modelo apontado por Gontijo et al (2019) a partir dos estudos que Jacques Hadmard apresentou em sua obra *The psychology of invention in mathematical field*, a fim de nos certificarmos de que havíamos seguido, ainda que minimamente, os passos de elaboração de uma ideia/momento/atividade criativa, e não apenas uma inspiração que, quando se materializasse na escrita, fosse um caso isolado, sem significar o que se propunha a problematizar. Uma produção criativa, segundo os estudos de Hadmard, é antecipada por quatro estágios: preparação, incubação, iluminação e verificação.

Resumidamente, podemos descrevê-los assim: o estágio de preparação é aquele em que os envolvidos no processo têm um conhecimento amplo com que trabalhar, é um estado equilibrado de prontidão; o de incubação é um período temporário de relaxamento em que, tendo sido o problema colocado de lado, o subconsciente faz conexões entre os diversos saberes que o indivíduo possui e os organiza de modo a favorecer o surgimento de algo novo; o de iluminação é aquele em que surgem possíveis soluções para o problema colocado à parte; e o de verificação é o que chancela as ideias que surgiram no momento anterior e as expõe, organizadas, ao público.

Observando estes passos, cremos que o artigo aqui exposto é resultado de uma *escrita criativa* que, no primeiro estágio, se apoiou nos conhecimentos e leituras prévias que tínhamos sobre as obras carrollianas; no segundo, a ideia de escrever um trabalho acadêmico de maneira não usual era um problema a ser solucionado; no terceiro, lembramo-nos de obras literárias com estruturas não usuais, o que de certo modo assumiu a forma de resposta ao problema que tentávamos solucionar e nos inspirou a escrever este texto fora dos padrões corriqueiros; no quarto, apresentamos este artigo como resultado das ideias que coroam todo este processo e o submetemos à apreciação de novos leitores.

Uma discussão mais aprofundada sobre os limites e potencialidades de uma *escrita criativa* para e na Educação Matemática não é aqui feita. Entretanto, de maneira sutil, deixamos este artigo como um exemplo que pode suscitar discussões sobre esta temática e que, conforme dito, tomou como inspiração duas obras que vieram à nossa mente no terceiro estágio: *O jogo de amarelinha* e *A vida modo de usar* são literaturas que exigem do leitor outro tipo de movimento durante a leitura, já que tais histórias não são lidas no percurso começo-meio-fim.



Em ambos os livros, as histórias seguem percursos não tradicionais e os leitores acompanham seus movimentos. Esperamos suscitar algo semelhante em quem tem este texto em mãos, bem como expor o argumento sobre algumas obras literárias, além de terem subjacentes presenças matemáticas, poderem ser inspirações para uma escrita criativa para a educação matemática.

A manipulação conjunta de diversos elementos – referências literárias, pesquisas prévias sobre o universo carrolliano, um pouco da historiografia acerca da Inglaterra vitoriana e o estudo de conteúdos matemáticos – propicia-nos apresentar, aqui, uma hermenêutica de *A caça ao turpente*, na qual consideramos o tempo todo que “interpretar não é (...) arrancar um significado que estaria escondido nas coisas. Ao contrário: é atribuir significados, a partir de uma série de vivências, às coisas que nos afetam<sup>14</sup>” (GARNICA, 2015, p. 16, grifos do autor).

E, como Carroll nunca respondeu o que seria realmente um turpente, propomos nós mesmos uma interpretação coerente que aproxima sua obra da educação matemática. De mapa em mãos, com a tripulação reunida, caçamos o turpente e os seus (anti)significados.

---

<sup>14</sup> Aqui o autor faz referência às experiências que nos afetam, conforme o texto de Larrosa (2002).